

## O SEXUAL COMO IMPOSSÍVEL DE SUPORTAR

### THE SEXUAL AS IMPOSSIBLE TO BEAR

Suele Conde Soares<sup>i</sup>

**RESUMO:** O presente artigo, a partir da obra *O beijo no asfalto: tragédia em três atos* de Nelson Rodrigues, aborda conceitos psicanalíticos de Freud e Lacan a fim de estabelecer um diálogo entre a psicanálise e a literatura. O beijo entre dois homens é o pivô que faz girar toda a trama desvelando afetos e verdades, fazendo aparecer o desejo e o gozo, este último como o insuportável que um sujeito rechaça no outro e a si mesmo. A sexualidade, ou ainda a suposta homossexualidade de um dos personagens provoca toda sorte de intrigas e confabulações tendo a mídia e a polícia como principais articuladoras da tragédia. O ato de beijar um homem morto, ato decidido e sem sentido, convoca o sujeito a dizer daquilo que, para Lacan, não há palavras, pois, o ato já contém em si sua própria significação.

**Palavras-chave:** Literatura. Psicanálise. Sexualidade. Gozo. Ato.

**ABSTRACT:** This paper, based on the Nelson Rodrigues' *O beijo no asfalto: tragédia em três atos* [*The asphalt kiss: tragedy in three acts*], approaches psychoanalytical concepts of Freud and Lacan in order to establish a dialogue between psychoanalysis and literature. The kiss between two men is the pivot that turns the whole plot revealing affections and truths, making desire and joy appear, the latter as the unbearable one refuses in the other and himself. Sexuality, or even the supposed homosexuality of one of the characters, provokes all sorts of intrigue and conspiracy with the media and the police as the main articulators of the tragedy. The act of kissing a dead man, a decided and meaningless act, summons the subject to say of what, for Lacan, there are no words, for the act already contains in itself its own signification.

**Keywords:** Literature. Psychoanalysis. Sexualidade. Jouissance. Act.

Submetido em: 19 jun. 2018

Aprovado em: 10 ago. 2018

---

<sup>i</sup> Psicanalista e psicóloga. Mestre em Linguística e Psicanálise pela Universidade Federal da Paraíba (PPGL, UFPB). E-mail: [sueleconde@gmail.com](mailto:sueleconde@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

A obra de Nelson Rodrigues não passa despercebida aos seus leitores, críticos ou admiradores. Sua obra pode causar espanto, indignação, comoção, asco, menos indiferença. A psicanálise, particularmente, encontra terreno fértil nas obras rodriguianas. Nelson Rodrigues nos coloca frente a fantasias, cruzezas e mazelas próprias da vida humana. Por meio de suas obras nos faz acessar o que se esconde, o que está por trás, aquilo que não se revela à luz do dia, ou ainda, como nomeia o pai da psicanálise – Freud – o recalcado. Ao expor sem censura e sem pudor suas obras e seus personagens, Nelson Rodrigues desmascara os afetos, colocando em carne viva os leitores desavisados.

Considerado o maior dramaturgo brasileiro do século XX foi teatrólogo, jornalista, romancista, folhetinista e cronista. Apesar disso, suas obras foram classificadas de imorais, obscenas e vulgares. Escreveu dezessete peças teatrais que se dividem em tragédias, peças psicológicas e peças míticas, dentre as tragédias cariocas encontra-se nosso texto de trabalho “O beijo no asfalto”.

A peça *O beijo no asfalto – tragédia carioca em três atos*, narra a história de Arandir, casado com Selminha, que beija um homem morto no asfalto, após ser atropelado por um bonde. A imprensa, representada pelo jornalista inescrupuloso Amado, distorce os fatos a fim de tirar proveito do incidente e acusa Arandir de ter traído sua mulher com um desconhecido que agonizava no chão. O sogro de Arandir, Aprígio, vendo toda a cena o acusa de traição, traição com um homem. Aprígio aconselhando a filha a se separar esconde na verdade seu real desejo – o amor que sentia pelo genro.

Em mãos de tais significantes – beijo, desejo, sexualidade – encontramos ecos para um trabalho interlaçado entre literatura e psicanálise. O que da obra rodriguiana se pode colher para fins clínicos e teóricos psicanalíticos e o que a psicanálise freudiana e lacaniana pode vir a contribuir para o campo da literatura, é o que pretendemos apresentar.

## A VERDADE NUA E CRUA

Falar em notícia, reportagem, jornalismo são termos que remetem diretamente ao campo do visual, daquilo que veicula uma verdade. Em se tratando, todavia, de tempos modernos o jornalismo passa por uma queda em sua veracidade. O que não é sem consequências.

O repórter da peça -Amado- desvela todo o mau-caratismo e leviandade com que a mídia é capaz de distorcer fatos, não sem a intromissão “necessária” da polícia que também se apresenta de forma fraudulenta. É esse, portanto, o meio em que a cena do beijo ganha notoriedade. Do contrário, não passaria de um acontecimento banal.

Temos, então, que a cena que faz girar toda a trama não poderia ser tomada enquanto acontecimento se não fosse o ato de Amado que, manipulando os fatos, forja uma matéria para o seu jornal que estava com os dias contados. Todavia, a manipulação e distorção do ocorrido nos revela, em certa medida, o que gira em torno do fato de um homem beijar outro publicamente, sem o menor pudor: o insuportável do gozo do outro.

Lacan (1972-73) nos aponta acerca do gozo que este é sempre da ordem do intolerável, aquilo que não reconhecendo em mim julgo ser do outro e, portanto, estrangeiro. E, como tal, deve ser eliminado, pelo fato de ser outro, algo que não reconhecendo atribuo ser o “mal”. (MILLER, 2011).

O gozo é sempre estranho, nos dirá Lacan. O que é do significante é possível ser atribuído ao sujeito, tomado em sua cadeia simbólica enlaçando demais significantes e produzindo sentido. Ao contrário, o que é do gozo não pode ser incorporado e, portanto, resta fora, sem significado. O que exige do sujeito um outro tratamento que não o sentido, já que este não dá conta.

Seria o ato, o ato de Arandir, um modo de lidar com o gozo? Essa é uma questão que podemos averiguar.

Nesse ponto, cabe questionar se o uso indevido e distorcido do repórter pode vir a ser considerado um ato no que esse termo comporta de valor para a psicanálise?

O ato para a psicanálise lacaniana vem acompanhado de outros termos, tais como, acting out, passagem ao ato e ato analítico. Não é à toa que Lacan em um de seus seminários<sup>1</sup> se debruça sobre o Ato. Todavia, não iremos aqui abordar as nuances desse termo, mas pôr o ato como o que é da ordem do sujeito e, que, portanto, tem a ver com o desejo que lhe causa, o que não parece ser o caso de Amado que se utilizando do lugar da voz do povo, como seria próprio do jornalista, age de modo vil desconsiderando a ética que rege sua profissão.

Gabriel Lombardi (1993), nos diz que o neurótico depende da demanda para sustentar seu desejo. E o faz por meio da insatisfação, dos sonhos, ou do tentar atender a demanda do

---

<sup>1</sup> O Ato Psicanalítico, livro 15, ainda não publicado. Tal Seminário ministrado em 1967 foi marcado por questões políticas, marcadas pela greve geral dos estudantes e trabalhadores na França. O ato para a psicanálise lacaniana tem a ver com a palavra e com o sujeito. “O ato psicanalítico pode ser considerado como criador do sujeito do desejo.” Fonte: <http://www.appoa.com.br/uploads/arquivos/correio/correio149.pdf>

outro a todo custo. A psicanálise aponta que o sujeito pode vir a sustentar seu desejo sem o recurso da fantasia<sup>2</sup>, ou seja, sustentar o desejo a partir de seu ato, não com sua fantasia.

O ato é o que termina com a indeterminação do sujeito, no ato o sujeito encontra sua certeza. “No ato se joga com algo da ordem de um rechaço do inconsciente, nesse ponto, portanto, não há nada o que interpretar, não há nada que interpretar porque não há um uso latente da demanda além do que já está manifesto”<sup>3</sup> (LOMBARDI, 1993, p. 41).

O ato em si, não há o que interpretar. Diante das perguntas insistentes do delegado e do repórter pelo sentido de um homem beijar outro na boca, Arandir fica atônito, pois não havia o que explicar. Havia simplesmente beijado um desconhecido atendendo a seu último pedido. Todavia, o que tal ato provoca nos demais personagens é o que faz girar toda a engrenagem que põe em ação os afetos, por ora, velados.

“O ato é da ordem de um “quero isto!”, proferido no mesmo momento em que o sujeito se apodera do que diz que quer, sem voltas nem latência.” (LOMBARDI, 1993, p. 41).

O jornalista ao assumir o lugar daquele que tem como dever cívico e moral veicular a verdade dos fatos, age em nome de uma lei que lhe orienta ao campo da realidade, deixando a ficção de lado.

A verdade é sempre meia verdade. Há sempre um meio dizer, nos dirá Lacan (1953). Ela é sempre não -toda, pois em se tratando da linguagem, desde que se cai nesse mundo de palavras, o mal-entendido está posto e há que se a ver com isso, com os imbróglios causados pela palavra.

Ao dar à cena do beijo um lugar de acontecimento, Amado faz girar elementos antes escondidos. O afeto que antes se apresentava como ódio, desaprovação ou rivalidade pelo amor da filha, aos poucos, vai se configurando num amor não revelado de Aprígio por Arandir. A “verdade” começa a tomar outros formatos. Os afetos dos sujeitos em cena vão preenchendo toda a trama.

A indignação, revolta e desaprovação de Aprígio pelo genro chega a pôr em cheque a masculinidade de Arandir. Interrogando a filha sobre “conhecer” o marido, Aprígio põe em dúvida a sexualidade do marido para Selminha que, a princípio diz “confiar” no cônjuge atribuindo como prova sua “felicidade”, a qual se fia na irmã como garante de tal felicidade, já que a mesma morando junto com o casal pode assegurar tal fato.

---

<sup>2</sup> Termo elaborado por Lacan, a partir do grafo do desejo, para explicar a sujeição do sujeito ao Outro. Relação que sustenta a pergunta, sem resposta, do sujeito ao Outro: Che vuoi? (Que queres?). (ROUDINESCO; PLON, 1998).

<sup>3</sup> Tradução livre.

A trama se desenrola levando demais personagens a revelarem suas paixões e afetos escondidos. Como é o caso de Dália, irmã de Selminha, que nutria desejo pelo cunhado. A polícia, representada na figura de Cunha, o delegado, cujo envolvimento em armações feitas junto a imprensa, culmina na cena final em que Aprígio revela a paixão que alimentava pelo genro e a mágoa por este ter beijando um “desconhecido”.

*O beijo no asfalto* tem como desfecho a revelação de Aprígio, tendo como ápice a morte de Arandir ao ser baleado pelo sogro que não mais podendo pronunciar seu nome, desde que supostamente descobriu-se apaixonado, o chama pelo nome no mesmo ato em que lhe atira no peito.

“Um crime também é um ato, um ato irreversível, que muda o estatuto do sujeito que o cometeu, se se pode dizer assim, porque depois da passagem ao ato o sujeito não é o mesmo.” (LOMBARDI, 1993, p. 47). Antes do ato, pode-se dizer, o sujeito está na ordem de um *não saber*. O que resulta desse ato, Lacan vai dizer, é uma espécie de atravessamento, marcando um antes e um depois. Nas palavras de Lombardi (1993), “[...] a ação do homem sempre implica algo deste atravessamento, desta cruz de Rubicão em que se expressa o desejo que se camufla atrás da inibição quando não se chega ao ato [...]” (p. 47-48).

*Tragédia em três atos* compõe o título do livro de Nelson Rodrigues – *O beijo no asfalto*. Se no primeiro ato temos a cena do beijo de Arandir no corpo de um homem morto, no terceiro e último ato se encerra também com uma morte, todavia, sem a condolência do outro ao se furtar um último ato de amor, contido num beijo.

## O BEIJO

Aparentemente, um beijo é algo banal. As pessoas se cumprimentam beijando, enviam beijos via mensagens, WhatsApp, bebês são ensinados a mandar beijinhos com as mãos, as canções, os poemas que falam de amor têm no beijo o objeto desejado.

Toda cena de amor termina com um beijo. O beijo sela uma espécie de acordo entre duas pessoas, o beijo dos amantes, o beijo na face entre os grandes mafiosos, etc. O beijo também vem como adeus. Beija-se aquele a quem se deseja ou aquele de quem se despede. De todo modo, o beijo serve a diversas representações.

Arandir ao ver o corpo estendido no chão se debruça sobre o mesmo e beija-o na boca, diante dos olhos atentos do repórter e da figura atônita do sogro, dando assim início a toda sorte de confabulações e conspirações por parte de Amado e Cunha, mídia e polícia.

Arandir, diante da insistência de Amado e de Cunha em atribuir algum sentido a seu ato de beijar um homem morto, diz que o fez somente para atender ao último pedido do morto – um beijo. Tal fala, todavia, não pode e não é compreendida, pois o dito de Arandir revela o absurdo, o sem sentido presente em seu ato, beijar um homem morto. Ou, ainda, um homem beijar outro homem. O que seria mais absurdo, beijar um morto, ou um homem que beija outro homem, na boca?

Arandir com seu ato dignifica o morto ao dar-lhe um beijo, algo da ordem do humano. Dignifica o corpo do morto que, por ser um desconhecido atropelado na rua movimentada, diante de diversos olhares como testemunha, marca esse corpo na carne como o significante marca o corpo do vivente.

Lacan (1957) nos diz que a palavra marca o corpo do falasser. Uma vez no campo da linguagem todo vivente é atravessado pela brasa de língua, a língua materna. Língua que marca o corpo de todo sujeito, inserindo-o no campo da linguagem, ou seja, no campo do simbólico.

Se a palavra é da ordem do simbólico, isto quer dizer que a palavra sexualiza, tornando vivo o corpo de todo aquele que por ela é atravessado.

Freud (1901-1905), em Três ensaios sobre a sexualidade, fala que o corpo é feito de zonas erógenas. O corpo do bebê é sexualizado através dos cuidados e estímulos da mãe e, para além do toque, pelas palavras desse Outro primordial. É a linguagem do Outro que vem animar esse corpo, tornando as partes que, a princípio são separadas, numa Gestalt, num todo uniforme. As zonas erógenas classificadas por Freud seriam a boca, o ânus e os genitais. A cada uma dessas corresponde uma fase que, necessariamente, não corresponde ao desenvolvimento da criança. Tais fases se estruturam e se desorganizam ao longo da vida de todo sujeito.

Freud (1905), em seu texto *A sexualidade infantil*, fala da escolha de objeto referindo-se a escolha sexual do sujeito.

Pode-se considerar como ocorrência típica que a escolha de objeto se efetue em dois tempos, em duas ondas. A primeira delas começa entre os dois e os cinco anos e retrocede ou é detida pelo período de latência; caracteriza-se pela natureza infantil de seus alvos sexuais. A segunda sobrevém com a puberdade e determina a configuração definitiva da vida sexual. [...] A escolha de objeto da época da puberdade tem de renunciar aos objetos infantis e recomeçar como uma corrente sensual. A não confluência dessas duas correntes tem como consequência, muitas vezes, a impossibilidade de se alcançar um dos ideais da vida sexual – a conjugação de todos os desejos num único objeto. (FREUD, 1996, p. 188-189).

Quinet (2013), partindo de Freud, discorre acerca da homossexualidade em sua diversidade:

Qualquer teoria que generalize a homossexualidade é falsa [...]. O homossexual não existe, existem homossexuais: patentes, latentes ou sublimados. [...] Freud chegou a considerar a homossexualidade como um ‘mistério’, na medida em que a vida sexual é o resultado da combinação de três fatores: as características sexuais físicas (homem ou mulher), as características sexuais mentais, ou seja, a posição sexuada, e a escolha de objeto (homem ou mulher). (QUINET, 2013, p. 90).

Seguindo com Lacan, Quinet (2013) afirma, ainda, que o sexo é da ordem do real, “Trata-se de um real do corpo incontornável” (p.90) e, como tal, não é definido nem pela anatomia ou por qualquer teoria que se pretenda definidora da sexualidade humana. Dizer que o sexo é da ordem do real consiste em tomar a sexualidade do falante como, fundamental e primordialmente, desnaturalizada, ou seja, a linguagem, ao contrário dos animais, vem perverter a ordem natural do funcionamento dos órgãos.

O “real do corpo” é da ordem do incontornável, todo sujeito terá que se a ver com seu corpo – fluidos, ereção, detumescência, menstruação, gravidez – esse corpo que por vezes se apresenta como estrangeiro. Tais fluidos corporais, no entanto, nada podem afirmar acerca do ser homem ou ser mulher. Para a psicanálise, o sexo por não ser definido pelo biológico e orgânico, deixa ao sujeito os emaranhados próprios da linguagem, ou seja, a desfuncionalização dos objetos, aquilo que não é para o que serve. Isso lança o falante no ter que se arranjar com a sexualidade. O que é da ordem da invenção. O falasser há que saber inventar com seu sexo e com o sexo do Outro que, é sempre outro sexo, seja este homo ou heterossexual.

Ainda com Quinet (2013):

Freud encontrou a homossexualidade como prática sexual em todas as estruturas clínicas: na neurose (histeria, obsessão e fobia), na psicose (esquizofrenia, paranoia e melancolia) e na perversão (voyeurismo, fetichismo, sadismo, masoquismo, etc). A homossexualidade, na prática sexual, não é, desse modo, um sintoma neurótico, não é uma perversão e nem é indício de loucura. A homossexualidade é transestrutural. Ela é uma escolha de gozo do sujeito que se encontra em neuróticos, perversos e psicóticos. (QUINET, 2013, p. 91).

Desse modo, a homossexualidade colocada nesses termos sai definitivamente de uma possível patologia, perversão ou sintoma clínico. A homossexualidade assim como a

heterossexualidade é um dos modos de se arranjar com o sexo nos falantes. Assim como nos tempos atuais tem-se outros modos de lidar com a sexualidade e com o amor.

## O DESEJO

*Um duende travesso que nos prega peças.<sup>4</sup>*

ARANDIR: “Querem que eu duvide de mim.../ Eu não beijaria um homem que não estivesse morrendo/ É lindo beijar quem está morrendo/ Ali, no beijo no asfalto eu fui bom, pela primeira vez. [...] APRÍGIO: Escuta! Vim aqui saber! Escuta! Você conhecia esse rapaz? ARANDIR (desesperado) — Nunca vi. APRÍGIO — Era um desconhecido? ARANDIR — Juro! Por tudo que há de mais! Que nunca, nunca! APRÍGIO — Mentira! ARANDIR (desesperado) — Vi pela primeira vez! APRÍGIO — Cínico! (muda de tom, com uma ferocidade) Escuta! Você conhecia o rapaz. Conhecia! Eram amantes! E você matou. Empurrou o rapaz! [...] APRÍGIO: “Eu perdoaria tudo. Só não perdo o beijo no asfalto. Só não perdo o beijo que você deu na boca de um homem!” (RODRIGUES, 2012).

O desejo não é um instinto, como ocorre nos animais. Ele não é pré-determinado, não segue um roteiro ou se preocupa com a sobrevivência, daí ser algo que nos desnorteia, nos sacode. Por isso, as tentativas de domesticá-lo ou enquadrá-lo falham sempre.

Miller (2013), psicanalista herdeiro das obras de Lacan, em entrevista diz que o desejo se aloja na passagem da necessidade em demanda, ou seja, isso aponta que há um outro. A demanda como pedido que vem do outro para o sujeito, e que este pode atendê-lo. É aí, nessa tentativa de atender à demanda do outro que o desejo do sujeito aparece. E, como nunca é um encontro da ordem da complementariedade o sujeito ao se deparar com o seu desejo se angustia e se embaraça.

Falar em desejo, na psicanálise, remete diretamente à noção de objeto *a* termo cunhado por Lacan a partir do *objeto perdido* de Freud, nomeado *das Ding*, a Coisa.

No cerne da sexualidade humana, reside uma falta de objeto, designado por Freud como o objeto perdido, que está sempre no centro da busca desejante do sujeito. Freud chegou a falar do desejo enquanto eminentemente indestrutível, na medida em que o objeto do desejo não é jamais alcançado. O desejo é, assim, movido pela falta de objeto que, como tal, opera como sua causa – objeto causa do desejo. (JORGE, 2013, p. 141).

<sup>4</sup> Definição de Lacan para o desejo. (MILLER, 2013).

O conceito de objeto *a*, considerada a contribuição mais importante de Lacan, percorre todo o seu ensino, modificando-se ao longo de sua obra, não de modo a que uma elaboração substitua a outra, mas de modo a que cada nova conceitualização enriquece a anterior e faz avançar na compreensão clínica e teórica acerca do objeto *a*. De todo modo, não é possível entender o conceito de objeto *a* sem remeter à época e a que Lacan se encontrava às voltas. Como falar de objeto *a* exigiria não um artigo, mas todo o trabalho de uma tese, vamos nos deter ao que de tal conceito nos servira para a obra de Nelson Rodrigues a qual estamos a nos debruçar.

Para marcar o objeto *a*, Lacan se utiliza da mesma grafia para se referir ao pequeno outro, que em francês se escreve *autre*. E isso não se trata de uma coincidência.

O *outro* é o primeiro objeto na vida de todo sujeito, ou seja, o falante toma o semelhante, o pequeno outro, como seu igual e rival ao mesmo tempo. É com ele que todas as relações ditas imaginárias irão acontecer. Portanto, o sujeito pode investir esse objeto de amor ou ódio.

As relações dos sujeitos são investidas de libido, se há identificação a libido que prevalecerá é o amor, o sujeito ama aquele que julga ser seu semelhante, se não há identificação e o sujeito acredita que o outro é diferente, prevalecerá o ódio (FINK, 1998).

De todo modo, a pequena diferença sempre se insinua, não é possível falar de qualquer relação entre os falantes sem levar em conta ambas as perspectivas, igual (amor), diferente (ódio).

Lacan, ao longo de seu ensino, vai delineando as relações de objeto, relações imaginárias, simbólicas e reais. O sujeito com seu rival/igual se encontra no campo do imaginário. No entanto, são as relações simbólicas as que melhor podem dizer acerca do objeto *a*, pois é nessa que se dá a relação do sujeito com o Outro.

Se pensarmos a relação entre objeto e desejo, veremos que desde Freud a escolha amorosa estava relacionada a um objeto, pois no amor haveria objeto (diferentemente do desejo, que é sem objeto, como veremos adiante). Para Freud, a escolha amorosa do sujeito tinha numa das figuras paternas (pai ou a mãe) a repetição na vida adulta acerca de suas relações afetivas, ou seja, se a criança se identifica ao pai irá imitá-lo e, portanto, amará uma outra mulher, como o pai ama a mãe. A criança se identifica a uma das figuras, escolhendo a outra como objeto de amor. “Ao falar em ‘escolha de objeto’, Freud a relaciona com a demanda repetitiva do sujeito pelo mesmo tipo de objeto de amor, ou pelo mesmo tipo de relação com esse objeto.” (FINK, 1998, p. 114).

Lacan, por sua vez, vai delineando sua teoria acerca do objeto *a*, perpassando os campos do imaginário, simbólico até chegar ao real. Se o objeto *a* tem a ver com o conceito de desejo, é por se tratar de que o desejo não tem nenhum objeto específico. O desejo é sem objeto. O que o move é a sua causa. Não há objeto do desejo, mas há causa. Tal afirmação coloca em planos diferentes demanda e desejo. Para a demanda há objeto, para o desejo há causa. Nas palavras de Fink (1998),

Na sua essência, o desejo é uma busca constante por algo mais, e não há objeto passível de ser especificado que seja capaz de satisfazê-lo, em outras palavras, extingui-lo. [...]. O desejo não tem 'objeto' como tal. Ele tem uma causa, uma causa que o traz ao mundo, aquilo que Lacan denominou objeto *a*, causa de desejo. (p. 116).

O desejo, portanto, na teoria lacaniana é o que atua na sua causa, o que o provoca. “O que causa o desejo na criança é o desejo do Outro, não a demanda do Outro, nem mesmo o desejo do Outro por esta ou aquela coisa ou pessoa específica.” (FINK, 1998, p. 116).

Dois objetos são destacados na teoria lacaniana como exemplos de objeto *a*, o olhar e a voz. Ambos não podem ser imaginados ou simbolizados, resistem a toda tentativa de apreensão seja pela imagem ou pela fala. É o que Lacan coloca na categoria de real, objetos que não são dialetizáveis.

A partir de Freud, com a noção de objeto perdido, Lacan segue em direção ao seu objeto *a*, objeto sem imagem e sem palavra. Da ausência de um objeto, Lacan com seu objeto *a* faz um recorte, atribuindo uma letra ao que nunca existiu, pois, o objeto perdido freudiano é mítico, sua existência se encontra atrelada ao fato do sujeito ter perdido tal objeto quando criança. O bebê haveria perdido seu objeto primordial, o seio materno, passando a querer reencontrá-lo. Todavia, é essa noção de perda do objeto que cria, no mesmo ato, o objeto enquanto tal, perdido para sempre e separado, fora do corpo da criança.

O beijo de Arandir na boca de um homem faz aparecer o desejo de outro personagem. Aprígio, ao longo da peça, vai tornando seu desejo por Arandir mais visível: “O meu ódio é amor”, diz Aprígio, atirando duas vezes em Arandir, por ter escolhido um desconhecido para beijar. “O desejo é um imã que nos atrai [...]. A lógica do desejo é ilógica. O inconsciente não respeita os princípios lógicos. Por isso o desejo é sempre perturbador, sempre um ponto de interrogação.” (PFEIL, 2013, p. 144).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para tentar dizer de nossa escolha pela literatura e não outro saber para fazer um laço com a psicanálise, a frase de Cristine Angot<sup>5</sup> vem em nosso auxílio “A literatura mostra como o real se sustenta”. E ainda, “[A literatura] É dar uma forma mesmo ao que está vazio na cabeça, sem nada substituir a esse vazio, criando o estado de vacância total do espírito enquanto o corpo é tocado por um outro. [...]. Procurar as palavras que correspondam ao real e se virar para que essas palavras sejam visíveis é uma outra coisa.” (2013, s/p.).

A literatura, na fala de Angot, como aquilo que dá formato ao vazio sem que, no entanto, esse vazio deixe de existir. A literatura não vem ocupar o lugar do vazio, mas possibilita fazer algo com ele, através das palavras. Como a psicanálise que, possibilita aos sujeitos que se submetem a uma análise, fazer algo com o real que está para todo sujeito. “A psicanálise é um trabalho de abordagem desse impossível através da metáfora e da metonímia: ela visa o inominável. Numa análise mais vale ser poeta do que intelectual”. (PFEIL, 2013, p. 84).

É sabido, desde Freud, que a literatura possibilita ao psicanalista acesso ao inconsciente enquanto por meio de seu fazer com a linguagem. Os escritores, assim como os artistas, conseguem transpor a barreira que separa real e imaginário, fazendo vir à tona material semelhante àquilo que a psicanálise chama de formações do inconsciente (chistes, atos falhos, lapsos, sonhos, sintoma). Daí o interesse sempre fecundo dos analistas pelas produções literárias.

A psicanálise, por sua vez, imprimou na literatura mudanças marcantes, dado que a teoria freudiana marca que o “eu” não tem total controle sobre as ações dos sujeitos, aliás seu controle é mínimo. Freud desvela para a humanidade que o “eu” não está no comando e que nossas ações estão sempre atravessadas pelo inconsciente que age em favor próprio.

Tânia Rivera afirma que a constituição do sujeito, enquanto conceito psicanalítico, coincide com a origem da própria literatura. “A psicanálise e a arte do século XX nasceram na mesma época e não pararam de se atrair, se distanciar e se esbarrar, às vezes desastrosamente, até hoje.” (RIVERA, 2005, p. 7). Literatura e psicanálise dividem a queda do “eu” como centro, apresentando um “eu” totalmente fragmentado.

Na peça *O beijo no asfalto*, não tivemos a pretensão de interpretar a obra, o que tentamos foi produzir uma leitura dos fatos ocorridos na tragédia, apontando as agruras, afetos

---

<sup>5</sup> Christine Angot, romancista e dramaturga francesa. Fonte: [https://fr.wikipedia.org/wiki/Christine\\_Angot](https://fr.wikipedia.org/wiki/Christine_Angot).

e angústias que atravessaram cada personagem. Longe de tentar fazer uma psicanálise aplicada, a teoria e a clínica, de Freud a Lacan, nos serviram de ponte, num diálogo proveitoso com a literatura.

Nelson Rodrigues, ao expor, diante dos olhos do leitor, as mazelas, maldades e crueldades nos conduz a que de fato se trata no humano: os afetos, sejam eles bons ou maus. A crueza com que Amado e Cunha abordam Arandir nos lança a questão, mais do que da banalidade do beijo a banalidade do mal, fazendo menção a Hannah Arendt. Nada mais banal do que a maldade humana e, ainda, com Lacan “o Outro é mal”.

Diante do “O beijo no asfalto” é impossível não ser atravessado pelas questões culturais, sociais e morais que giram em torno da sexualidade; dizendo mais, da homossexualidade. Pois, o que a peça acaba por denunciar é o quanto é insuportável, sem suporte a forma de desejar e amar do outro. O gozo do outro é sempre desagradável, difícil de aguentar, intolerável levando-nos à intolerância. O gozo do outro é sempre estranho, alheio e, por isso, não faz laço. O que, todavia, nos possibilita fazer laço é o amor. O amor como estrutura, ou seja, enquanto aquilo que dá sustentação, que compõe um corpo, que faz suporte. Como nos diz Lacan, “só o amor pode fazer o gozo condescender ao desejo”.

## REFERÊNCIAS

ANGOT, C. Non, non, non et non. *Lacan Quotidian*. n. 300. febr. de 2013. Disponível em: <http://www.lacanquotidien.fr/blog/wp-content/uploads/2013/03/LQ-300.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2019.

FINK, B. Objeto *a*: causa do desejo. In: FINK, B. *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1901 -1905). *Obras completas*, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JORGE, M.A.C. De Freud a Lacan: do objeto perdido ao objeto *a*. In: QUINET, A.; JORGE, M. A. C. (org.). *As homossexualidades na psicanálise: na história da sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma, 2013.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1998.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1998.

LACAN, J. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. (1972-73). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008.

LOMBARDI, G. El saber y el acto. In.: La clínica del psicoanálisis – el sintoma y el acto. Buenos Aires, Argentina. Atuel, 1993.

MILLER, J. A. *Cuando el outro es malo*. Buenos Aires: Paidós, 2011.

MILLER, J. A. Lacan, professor do desejo. *Opção lacaniana online*. ano 4, n. 12. nov. 2013. Disponível em: [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_12/lacan\\_professor\\_desejo.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_12/lacan_professor_desejo.pdf). Acesso em: 05 fev. 2019.

PFEIL, C. *Diário de um analisando em Paris*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

QUINET, A. *Homossexualidades em Freud*. In: QUINET, A.; JORGE, M. A. C. (org.). *As homossexualidades na psicanálise: na história da sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma, 2013.

RIVERA, T. *Arte e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

RODRIGUES, N. *O beijo no asfalto: tragédia carioca em três atos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.